

**BIOPODER E BIOPOLÍTICA: SADE ENTRE FOUCAULT E AGAMBEN**  
**BIOPOWER AND BIOPOLITICS: SADE BETWEEN FOUCAULT AND**  
**AGAMBEN**

Luciana Fiamoncini Frainer<sup>1</sup>

Luis Carlos Rodrigues<sup>2</sup>

Celso Kraemer<sup>3</sup>

**RESUMO**

Marquês de Sade é um escritor francês libertino do início do Século XVIII cujas obras permeiam os estudos de Michel Foucault e Giorgio Agamben. Este estudo qualitativo, de cunho teórico, tem o objetivo de discutir de que maneira Sade aparece nas obras de Foucault e Agamben para compreender proximidades e singularidades sobre biopolítica em ambos os autores, considerando somente uma linha de continuidade entre Foucault e Agamben. Sade destaca-se na história e na literatura pelas suas notas eróticas, filosóficas e libertinas. Em Foucault, Sade percorre muitos de seus escritos, com diferentes inflexões e usos, de maneira mais ou menos relacionada às suas reflexões sobre biopolítica. Já em Agamben, a relação com a biopolítica é mais clara, tanto para explicitar seu conceito de vida nua, quanto para evidenciar o estado de exceção em que se vive. As considerações deste estudo indicam um caminho para pensar Sade no olhar de Michel Foucault e Giorgio Agamben como indício dos desdobramentos biopolíticos dos séculos XIX e XX.

**Palavras-chave:** Biopoder; Biopolítica; Sade; Foucault; Agamben.

**ABSTRACT**

Marquês de Sade is a libertine French writer from the early 18th century whose works permeate the studies of Michel Foucault and Giorgio Agamben. This qualitative study, of a theoretical nature, aims to discuss how Sade appears in the works of Foucault and Agamben to understand proximity and singularities about biopolitics in both authors.

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação. Universidade Regional de Blumenau. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [luciana.fiamoncini@hotmail.com](mailto:luciana.fiamoncini@hotmail.com)

<sup>2</sup>Mestre e doutorando em educação pela Universidade Regional de Blumenau. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [luis.rodrigues@ifc.edu.br](mailto:luis.rodrigues@ifc.edu.br)

<sup>3</sup>Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor titular da Universidade Regional de Blumenau. Santa Catarina. Brasil. E-mail: [kraemer250@gmail.com](mailto:kraemer250@gmail.com)

Sade stands out in history and literature for its erotic, philosophical and libertine notes. In Foucault, Sade covers many of his writings, with different inflections and uses, in a way more or less related to his reflections on biopolitics. In Agamben, on the other hand, the relationship with biopolitics is clearer, both to explain his concept of naked life, and to show the state of exception in which he lives. The considerations of this study indicate a way to think Sade in the eyes of Michel Foucault and Giorgio Agamben, as well as the announcement of the biopolitical developments of the 19th and 20th centuries.

**Keywords:** Biopower; Biopolitics; Sade; Foucault; Agamben.

**Artigo recebido em:** 06/12/2021

**Artigo aprovado em:** 09/07/2022

**Artigo publicado em:** 20/09/2022

## 1 INTRODUÇÃO

As filosofias de Michel Foucault (1926 – 1984) e Giorgio Agamben (1942) abriram novas perspectivas ao pensamento contemporâneo, possibilitando pensar as mesmas normalidades com conceitos e estratégias metodológicas que superam antigos binarismos do pensamento dicotômico, mostrando que certas práticas de saber-poder atravessam transversalmente partidos políticos, instituições sociais, domínios intelectuais, práticas educacionais, jurídicas, assistenciais, religiosas etc. Suas pesquisas mostraram que direita e esquerda, ciência e literatura, escola e penitenciária, medicina e loucura, quando pertencentes a uma mesma época, são parte daquela formação histórica específica e, enquanto tal, são atravessados pelo regime saber-poder-verdade-sujeito que a constitui. Segundo se depreende de suas obras, é na formação discursiva de cada época e sociedade que as diferentes verdades, instituições, discursos e práticas encontram sua inteligibilidade. Portanto, a racionalidade científica, filosófica ou religiosa não se encontra em métodos objetivos ou neutros, nem num poder superior ou especial ou numa suposta ética divina ou uma moral supra-histórica, mas na formação discursiva que configura aqueles saberes específicos.

Entre os inúmeros conceitos das obras de cada um destes autores, este estudo delimita como objeto central um conceito presente em ambos: a biopolítica. Da mesma forma, entre os inúmeros autores estudados e comentados por Foucault e por Agamben, definiu-se trabalhar com Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como o Marquês de Sade (1740-1814). A partir desses autores, afigura-se possível uma compreensão de indivíduo construído na modernidade, que tem como fio condutor o conceito de biopolítica.

Para Foucault e Agamben, os dispositivos de poder específicos, como as disciplinas e a sexualidade, fazem parte da constituição do indivíduo moderno. A atuação destes dispositivos sobre o corpo dos indivíduos é determinante para certa compreensão da constituição de sua subjetividade e, a partir dela, o governo das individualidades enquanto corpo e das coletividades enquanto população. Os processos de individuação, sobretudo das disciplinas, fazem com que a pessoa conceba a si mesma como um indivíduo e seu eu como ser único, cuja essência é sua própria individualidade, como se já tivesse nascido assim, sem dependência do coletivo e isento das formações discursivas de sua época. Tais processos de individuação são parte do processo de governo da população, pois, enquanto indivíduo em meio à multidão (de anônimos), cada um age isoladamente, não formando coletivos como força política de pensamento e de resistências.

O diálogo entre Foucault e Agamben, em sua maneira de ler Sade pelo viés da biopolítica, colabora para uma mirada sobre a subjetividade na modernidade. Parte-se do pressuposto de que as personagens dos escritos de Sade comportam certa sacralidade insubmissa, indisciplinada. Pode-se, então, ver em Sade a possibilidade de abordar noções de biopoder, biopolítica e vida nua nos processos de constituição do sujeito de nossa modernidade.

Destarte, o objetivo do artigo é discutir a maneira como Sade aparece na obra de Foucault e de Agamben para, desta análise, compreender proximidades e singularidades sobre biopolítica em ambos. A estratégia do trabalho, enquanto

pesquisa bibliográfica, consiste em examinar livros dos próprios autores, bem como de estudiosos de ambos. Com isto se faz, inicialmente, uma discussão acerca da subjetividade moderna no pensamento de Foucault e Agamben, para, em seguida, fazer um apanhado da presença de Sade nos trabalhos de Foucault e de Agamben, assinalando aspectos que permitem compreender a subjetividade e a biopolítica pelo modo como Sade se faz presente em Foucault e Agamben.

As proximidades e singularidade entre Foucault e Agamben, quanto ao conceito de biopolítica, são tomadas, no presente texto, numa linha de continuidade e de convergência. De modo que, fuge, ao escopo deste artigo, examinar com profundidade implicações resultantes de diferentes perspectivas de suas pesquisas. Assim, situa-se a discussão em torno das temáticas da governamentalidade e da produção de subjetividade que, conforme Lemke (2010), caracterizam fundamentalmente os estudos sobre biopolítica.

No intento de mostrar a presença de Sade nas obras de Foucault e Agamben é percorrido certo caminho de Foucault a Agamben. Em Foucault, a pesquisa enfatiza aspectos gerais sobre Sade, relacionados de maneira direta e indireta com o conceito de biopoder e biopolítica. Considera-se a indissociabilidade entre esses dois conceitos nos estudos do filósofo francês. Em Agamben, duas obras de Sade são privilegiadas: *A filosofia na alcova ou os preceptores imorais* e *Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da libertinagem*. A escolha delas acontece porque são diretamente articuladas com o tema da bioplítica por Agamben. A metodologia desta pesquisa possui um caráter processual, que vai desde a relação entre Sade e a biopolítica em Foucault, afluindo para um eixo central de articulação explícita entre Sade e Biopolítica em Agamben.

## **2 FOUCAULT, AGAMBEN E A SUBJETIVIDADE MODERNA**

A subjetividade moderna envolve a existência do corpo na história (Foucault, 2009a; 2009b). Conhecer os processos históricos do corpo, sobretudo a partir do século

XVII, ajuda a compreender a constituição do indivíduo moderno. O corpo, em função das tecnologias de saber-poder da modernidade, assume contornos específicos (Foucault, 2009a), diferentes das modalidades conhecidas em outras épocas e sociedades. Há uma singularidade no modo crítico de Foucault olhar para a história. Veiga-Neto (2003, p.25) afirma que

[...] é no mundo concreto – das práticas discursivas e não-discursivas – que esta crítica vai buscar as origens dessas mesmas práticas e analisar as transformações que elas sofrem. [...] E, dado que não há um fundo estável, único, no qual firmar uma âncora, talvez a metáfora mais apropriada, nesse caso, seria dizer que a crítica foucaultiana não se amarra senão em suportes, sempre na superfície da história; são suportes provisórios, contingentes, mutáveis, assim como é a própria história.

Portanto, quando focaliza suas investigações no contexto da corporeidade e suas singularidades, Foucault pensa como história os eventos do corpo, tais como sentimentos, reações emocionais, desejos e prazeres. Foucault desnaturaliza tais eventos do corpo, livrando-os de uma suposta natureza da biologia humana. Isto significa que ele os pensa como historicidade, resultantes de práticas de saber-poder que atuam sobre o corpo, o atravessam e o constituem. Entre as práticas de saber-poder, suas pesquisas destacam os dispositivos das disciplinas e da sexualidade, no âmbito do biopoder e da biopolítica, constituintes da subjetividade do indivíduo moderno. Rastreando as gêneses e os efeitos dos dispositivos ele assinala os elementos constituintes dos processos históricos, com suas séries de estratégias, de saberes e de poderes que percorrem o corpo dos indivíduos e a tessitura das instituições modernas, como a escola, a família e a prisão, enquanto instâncias produtivas da experiência que fazemos de nós mesmos.

Agamben, por sua vez, vincula o indivíduo moderno ao conceito de Biopolítica de Foucault para forjar seu conceito de vida nua. No âmbito da biopolítica, ele também abarca as questões da soberania nos estados modernos, amparada na permanente possibilidade da exceção. Para Agamben (2007), apoiado em Carl Schmitt (1888-1985), o estado moderno funda a sua soberania na prática continuada do estado de exceção,

o que ocorre por uma posição ambígua do soberano, que pode, ao mesmo tempo, colocar-se dentro e fora do ordenamento jurídico: ao mesmo tempo em que ele obedece ao regime legal, coloca-se fora dele para modificá-lo excepcionalmente. Para Agamben (2007), esta exceção acaba por acarretar atitudes desumanas impensáveis no âmbito legislativo, mas, absolutamente possíveis contra uma vida tornada desprovida de qualquer direito.

O estado de exceção remonta, segundo o autor, ao direito romano, na figura do homo sacer. Este era alguém que, por ter cometido um delito, não poderia mais ser sacrificável aos deuses, mas matável. Aquele que o matasse não estaria cometendo crime algum, pois o homo sacer pôs em risco a paz ou a estabilidade do povo ou da sociedade, ameaçando, assim, o próprio Estado. O homo sacer, portanto, já pertenceria aos deuses, estando ele à mercê do seu julgamento.

A vida nua, para Agamben (2004), apresenta-se no cenário político-jurídico da modernidade, principalmente após os eventos que envolveram o regime nazista, com fortes reflexos sobre as novas regulações do Estado a partir de meados do século XX, tanto nos regimes democráticos, quanto nos autoritários. Neste novo cenário, o estado de exceção perde seu caráter de exceção e acaba configurando-se como regra. Com isto, mesmo as democracias mais reconhecidas da modernidade afiguram-se, no olhar atento do filósofo italiano, a regimes ditatoriais. Existe uma indeterminação entre democracia e absolutismo. Esta irresolução deriva de um jogo que oscila entre duas faces deste poder, transitando entre o jurídico e o político, entre a proteção e a segurança. Assim o indivíduo encontra-se submetido a uma indistinção entre a proteção do legal e a ameaça permanente em nome da segurança. Neste jogo, o ilegal acaba tomando a forma do legal.

O poder governamental, na nova configuração biopolítica da soberania do Estado contemporâneo, desenvolve técnicas específicas para administrar as condutas das pessoas e das populações, atuando diretamente sobre o corpo do indivíduo e sobre a regulação das populações. Desta maneira, a governamentalidade paulatinamente

adquire forma, constituindo subjetividades passíveis de gerir, seja pela vida incluída no grande mercado de afetos, de carreiras, de acessos, de produtos, seja pela vida social e juridicamente excluída, no deixar morrer, segundo Foucault, ou enquanto vida matável, na permanente exceção em nome da segurança, segundo Agamben. A própria noção de governo, na conduta de indivíduos e na regulação das populações, articula-se de tal maneira que o próprio poder soberano do Estado confunde-se com o poder governamental. Mas não é enquanto soberania que o Estado atua na constituição da subjetividade. Ao contrário, é pelo governo que as complexas, mutáveis e eficazes estratégias do dispositivo de segurança atuam na modulação da subjetividade. Nestas modulações, contudo, o estado de exceção é a tática que produz a cisão do indivíduo com relação a seu potencial de crítica, pois, em nome de sua segurança, ele abdica da resistência, da revolta, da contra-conduta.

Destarte, ao passo que a análise de Foucault sobre biopoder visa tomar certa distância da problemática acerca do poder soberano, mantendo o foco na governamentalidade, Agamben busca tecer sua reflexão partindo da polarização que existe entre poder soberano e o poder governamental. Conforme o autor, poder soberano e poder governamental articulam-se e retroalimentam-se (AGAMBEN, 2007). Em ambos os casos, a subjetividade contemporânea vai se tecendo entre a soberania e a governamentalidade.

### **3 O MARQUÊS DE SADE EM FOUCAULT**

A presença de Sade nos trabalhos de Foucault percorre muitos de seus escritos, com diferentes inflexões e usos. Às vezes é em torno da loucura, da passagem para a desrazão, da monstruosidade, às vezes em torno do saber sobre o sexo, sobre literatura, às vezes sobre o prazer ou a violência. As menções a Sade aparecem em *História da Loucura*, de 1961 (FOUCAULT, 2000) e em texto publicado em 1962, *Un si cruel savoir* (FOUCAULT, 2001a; FOUCAULT, 2001b), relacionando Sade não só ao contexto da

loucura e sua maneira de escapar da captura política, mas também situado entre máquinas e maquinações em que se articulam a dor, o desejo e o prazer. Em *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 1999a) Sade aparece em meio à literatura, à filosofia, à ciência, na iminência de nossa modernidade, na tensão entre o Mesmo e o Outro do pensamento e da experiência. Também em cursos como *Os Anormais* (FOUCAULT, 2001c), de 1974-75, na relação entre a racionalidade da natureza e o monstro, enquanto um excesso de poder político, monetário etc., faculta voltar-se contra sua natureza. Em *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber* (Foucault, 2009a) Sade figura mais diretamente na temática do poder. Pode-se, então, assinalar uma pluralidade de usos de Sade nos trabalhos de Foucault, desde o filósofo que desmantela a Representação da Idade Clássica, das ideias de Deus, de Natureza, de Lei (LECOURT, 2017), até uma tensa relação biopolítica entre disciplinamento e indisciplinamento do sexo, abarcando as questões do poder. Nesta abordagem interessa a questão de Sade e o poder nas análises de Foucault.

A análise da obra do Marquês de Sade permite a Foucault identificar um novo mecanismo de poder no século XVIII: a inserção da vida biológica na esfera política. A Modernidade tem como característica principal, segundo Foucault (1976) a emergência de uma técnica de poder na qual o centro é a própria vida. Em Aristóteles, o homem foi definido como um animal vivo e, além disso, capaz de uma existência política. O homem moderno, por sua vez, é um animal em cuja política está em jogo sua vida como ser vivo. A partir disso, conclui-se que o antigo poder de matar, sobre o qual o poder soberano era firmado, passa agora a ser deslocado para a administração dos corpos e pela gestão calculista da vida (FOUCAULT, 2009b).

Na obra de Sade, a única Lei à qual o homem se submete é o que ele chama de gozo. O homem tem consciência da sua insignificância, pois está diante de uma força avassaladora, “ingovernável” em cujo caos está instalado. Essa força luta pela existência e não se pauta por critérios da moral (CHARLES, 2007).



O objetivo que Sade mira alcançar, e por isso é considerado uma afronta à sociedade, é tirar do homem o véu da moral que lhe encobre os olhos e levá-lo de volta à vida, em sua forma mais bruta, pulsante. Castro (2006) afirma que ele, nesta mirada, procura desenvolver um discurso sobre o homem como objeto de poder político. Para Sade, no gozo há dissolução da consciência, perda de limites e isso instaura um vazio, no qual é possível instalar-se uma nova ordem. Neste ato, o “outro” é apenas um objeto no qual se pode exercer poder individual. Sade não defende o despotismo, mas pretende fazer o homem retornar à sua condição original, sem laços sociais de poder que o amarram ao contrato.

Em afronta a sua condição de ser vivo, baseado em impulsos, prazer e dor, a sociedade lhe impõe, através da moral, muitas travas. O homem tende ao vício porque carrega dentro de si uma natureza ávida, que ele é incapaz de controlar. De acordo com Castro (2006), para Sade, esta natureza é egoísta, portanto, não é “natural” colocar o bem-estar na frente do prazer individual. Quando predomina o contrato social, o homem subordina-se às normas da religião e da moral, o que é uma violência.

Valendo-se das noções de biopoder e a biopolítica, que ainda estavam em fase de elaboração em seus trabalhos, Foucault, na analítica sobre o sexo, em História da sexualidade - A vontade de saber, questiona a hipótese da repressão sexual, propondo outra linha investigativa. Em sua perspectiva genealógica, o sexo aparece como um dispositivo de poder, não mais de repressão ou anulação, mas de produção, na incitação a um discurso normalizador. O indesejado na moral sobre o sexo passa a ser segregado pela patologização.

É neste momento que a medicina passa a produzir saberes sobre o sexo, tornando-se uma das principais formas de normalização do sexo, uma imbricada relação de saber-poder sobre o corpo-sexo. Neste contexto a medicina constrói os conceitos que definem as características de certas perversões sexuais. Pelo olhar médico, a obra de Sade é base, não para a liberação do sexo em relação à moral, mas para patologizar certos comportamentos presentes na obra de Sade, como a

masturbação. O esquadrinhamento do sexo que se promove neste período desenvolve-se no âmbito da biopolítica, visando promover na população uma prole saudável. O saber médico, através de discursos patológicos do sexo, passou a intervir na intimidade dos casais, definindo como eles deveriam comportar-se para garantir o uma vida saudável, mantendo a roda capitalista girando.

Em *A Vontade de Saber*, Foucault (2009a) afirma que intensificar o discurso sobre o sexo, regulando-o e classificando-o em adequado e inadequado, é a chave para os mecanismos e técnicas de controle da sociedade e, especialmente dos corpos, de suas experiências. Com o surgimento do conceito de população, no século XVIII, constituiu um novo momento nas técnicas de governar. Governar, com a noção de população, passa a ser um governo, ou seja, regular, calcular, prevenir, desenvolver mecanismos e estratégias de segurança para a vida da população. Com as disciplinas, surgidas nesta época na Europa, inaugurando o que Foucault (2009a) chamou de biopoder, exerce-se um poder sobre o corpo individual, adequando-o às demandas econômicas e políticas das sociedades da era industrial. Com os processos biopolíticos exerce-se um governo sobre a população. Isto requer conhecimentos sistemáticos e controlados, conhecendo e regulando nascimentos, mortes, fecundidade, moradia, alimentação, doenças, pestes e outros. O sexo, neste governo, é um dos núcleos das novas tecnologias do poder. Fazem parte também, destas tecnologias de exercício do governo, um saber sistemático sobre os comportamentos, as regulações sociais, os problemas psicológicos, suicídios, comportamentos agressivos, delinquências, etc. É neste cenário que nascem e se disseminam na sociedade os saberes pedagógicos, psicológicos, sociológicos, jurídicos etc., momento em que nascem as chamadas Ciências Humanas, constituindo um leque plural de especialidades que não para de se ampliar até nossos dias. Genericamente, todas elas justificam sua existência no chavão da utilidade social, ou seja, elas se justificam por serem úteis ao governo dos indivíduos no, cada vez mais injusto, contrato social.

Com a nova visão sobre a população como fonte de riqueza pelo trabalho, a fortuna de um país passou a ser relacionada com o aumento da população. Tal aumento estaria, então, ligado à maneira como cada qual praticava o sexo para a reprodução. Passou-se, então, a falar muito mais sobre sexo, afastando-o do prazer e associando-o à reprodução.

Com interesse econômico, pela via da patologização, as atividades cujo objetivo era o prazer, tornam-se objeto de perseguição, como irregularidade sexual ou até como doença mental. Os poderes jurídico e religioso entram em cena, condenando os perversos, infratores ou pecaminosos. Ao mesmo tempo em que Sade é alvo destes procedimentos, ele também se opunha a eles violentamente.

Neste contexto, as modernas instituições, como família, escola, internatos, hospitais, assistência social, polícia etc., passam a exercer os cuidados pedagógicos e os tratamentos médicos considerados necessários para prevenir ou tratar qualquer anormalidade relativa às condutas individuais. No que tange ao comportamento sexual, a adequação, preventiva ou curativa, visava uma sexualidade conservadora e, portanto, útil em termos políticos e econômicos.

Tudo o que fosse contra um corpo moralizado para fins econômicos tornou-se abominável. O que Sade descrevia em suas obras era, portanto, considerado afronta para uma sociedade que via no prazer carnal uma ameaça, além de ser uma indignidade frente aos votos sagrados do casamento. Sade foi, portanto, um infrator declarado, pois as proibições relativas ao sexo eram, fundamentalmente, de natureza jurídica e religiosa.

No século XIX verifica-se uma intensificação da preocupação e do discurso sobre o sexo. Com isto acaba por surgir uma ciência sexual, conhecida como sexualidade, revestida com as características de científica. O sexo, portanto, não foi somente objeto de discursos sobre o prazer, sobre a lei ou as doenças, mas fez parte também dos jogos da verdade (FOUCAULT, 1999b).

A história da sexualidade constitui-se a partir da história de seus discursos. A ciência sexual atuou na produção da verdade sobre o sexo. Foucault assinala alguns dos mecanismos discursivos viabilizados pela ciência na produção da verdade sobre o sexo: a técnica de escuta, o princípio da latência, o postulado de causalidade e o imperativo de medicalização.

O poder, em Foucault, não é pensado em termos exclusivos de lei e suas condições de possibilidade não devem ser buscadas em um ponto central, em um único foco de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes. Ele analisa o poder em suas múltiplas inflexões, nas instituições, na formação discursiva, nos regimes de verdade, nos procedimentos científicos, funcionando como suporte das correlações de forças que induzem continuamente estados de poder é móvel, ou seja, sempre localizado e instável.

Foi justamente na burguesia que o sexo passou a ser visto como importante. A primeira personagem sexualizada foi, segundo Foucault (2009a), a mulher ociosa, que sofria de calores, sendo assim, considerada histérica. Em contrapartida, havia a mulher de família, que possuía inúmeras obrigações conjugais. Em seguida, condenou-se o onanista como aquele que desperdiçava em prazeres secretos a substância da vida. Caso estes “doentes” não fossem curados, sua descendência estaria comprometida.

É no momento em que se define o projeto eugênico que a obra de Foucault passa a focar mais claramente a temática da biopolítica. De acordo com Pogrebinski (2004), o poder sobre a vida desenvolve-se a partir do século XVII caracterizando-se por duas vertentes:

1) Corpo-máquina: adestramento, extração de forças, ampliação de habilidades, utilidade e docilidade, controle da sua eficácia e economia. Todas estas funções asseguram-se pelo que Foucault chama de disciplinas anátomo-políticas do corpo.

2) Corpo-espécie: controle de natalidade e mortalidade, duração da vida, saúde, longevidade. Todas estas funções asseguram-se por uma série de controles compreendidos como reguladores, o que forma, assim, a biopolítica.

---

Assim, são estas duas vertentes que constituem o biopoder: de um lado o corpo-máquina, de outro, o corpo-espécie, no qual se organiza o poder sobre a vida. Aparecem, então, como reguladores, as instituições como a família, o exército, a polícia, a medicina, as escolas, as prisões etc., onde surgem inúmeras técnicas de sujeição e controle das populações. O biopoder, exercido sobre o corpo individual, desdobra-se sobre a população, no que ele chama de biopolítica.

Trata-se de mecanismos essenciais ao desenvolvimento do capitalismo. A partir deles os corpos são inseridos em um aparelho de produção. A biopolítica é, portanto, para Foucault (1999b, p.154)

o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhe escapa continuamente.

Uma sociedade que normaliza é um efeito histórico de uma tecnologia de poder que se centra na vida. Sade, com seu caráter transgressor, parecia compreender que essa normalização era, antes de tudo, exercício de poder, contra outros princípios da vida. Foi este mesmo regime de poder-verdade que o aprisionou e depois o internou como louco. De lá, como que por ironia, saíram seus principais escritos, até hoje estudados. Após a Revolução Francesa, com a reforma dos códigos jurídicos, eles incluíram esse poder normalizador. Foucault tece, assim, uma crítica aos novos ordenamentos jurídicos, afirmando que a luta que se faz contra os códigos apoia-se sobre aquilo em que ele investe: na vida nua.

O biopoder foi essencial para que o capitalismo se desenvolvesse. A biopolítica explicita os mecanismos de governo do capitalismo, seja na era liberal, seja no atual neoliberalismo. São formas de ajustar o comportamento dos indivíduos e regular os controles da população, incluindo a conduta sexual às necessidades do mercado. É nestes combates que Foucault situa Sade.

#### 4 O MARQUÊS DE SADE EM AGAMBEN

Em *Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem*, escrita em 1785, Sade se expressa nestes termos: “Estou sozinho aqui, estou no fim do mundo, longe de todos os olhares e sem que nenhuma criatura possa chegar até mim; nada mais de freios, nada mais de barreiras”. (Sade, 2008, p. 178). *Os 120 dias de Sodoma*, em linhas muito gerais, apresenta quatro senhores, muito ricos e influentes que resolvem passar 120 dias num castelo isolado, chamado Silling para realizar deboches e violências vinculados ao sexo. Levam com eles crianças e adolescentes sequestrados. Contratam homens e mulheres. Eles contam histórias vinculadas com fetiches e crimes que inspiram os quatro libertinos, os quais tinham a função principal de realizar atos sexuais. Utilizam-se dos serviços de outras mulheres mais velhas para funções diversas. Uma vida comum mistura-se com o impensável.

Marquês de Sade viveu durante o final do século XVIII e o início do XIX. Seus livros explicitam tensões entre a lei, a ciência, a normalidade e as transgressões, os excessos, tangendo a monstrosidade. Relacionando sua obra com discussões contemporâneas de Agamben, é possível tecer uma reflexão sobre o conceito de biopolítica.

Sade escreveu o livro *Os 120 dias de Sodoma* no clima da revolução francesa. A religião deixava de pautar a vida das pessoas. Ao longo da narrativa, as práticas sexuais e a violência no castelo de Silling são sem limites. Não somente em relação à religião, mas à lei, ao regime jurídico, ao estado, tudo que estava em jogo à época. Sade parecia querer testar a liberdade ao extremo, em diferentes dimensões que se poderiam apresentar na vida das pessoas.

Agamben (2007) vincula os acontecimentos do Castelo de Silling ao conceito de vida nua, conforme teria emergido durante a revolução francesa. O autor afirma também que a originalidade da obra de Sade está justamente no fato de que ele expõe

de modo incomparável o significado absolutamente político (ou biopolítico) da sexualidade e da vida fisiológica.

O filósofo italiano recorre ao livro *Os 120 dias de Sodoma* para evidenciar o prenúncio literário da máxima sujeição e objetivação da vida real que se consolidaria no século seguinte, com a ascensão da biopolítica. De acordo com Agamben (2007, p. 141):

[...]. Justamente no momento em que a revolução faz do nascimento - ou seja, da vida nua - o fundamento da soberania e dos direitos, Sade coloca em cena (em toda a sua obra e, em particular, nas 120 journées de Sodome) o *theatrum politicum* como teatro da vida nua, no qual, através da sexualidade, a própria vida fisiológica dos corpos se apresenta como elemento político puro. [...].

No processo que se evidencia com Foucault, em que o sangue nobre deixa de ser um fator importante de distinção, Agamben (2007) identifica o vínculo direto do nascimento com o porte de direitos. “As declarações dos direitos representam aquela figura original da inscrição da vida nua na ordem jurídico política do Estado-nação.” (AGAMBEN, 2007, p. 134). Assim, a soberania deixa de ser divina para tornar-se nacional, porém, permanece uma abertura maior ou menor para um resíduo persistente do sangue junto do nascimento, o que favorece uma indefinida amplitude para a exceção.

A vida sacra do *homo sacer*, conforme definida por Agamben, aparece em *120 dias Sodoma* ou a *Escola da Libertinagem*. Os libertinos segregam suas vítimas da vida comum das pessoas no castelo de Silling. A vida matável destas pessoas não adere a qualquer direito. Eles exercem sobre elas todo o poder, porque para eles tudo é possível. No nível da ficção, Sade abarca virtualmente toda a objetivação possível dos corpos humanos, feito obtido pela biopolítica somente mais de um século depois, ao longo do século XX.

Outra obra de Sade citada por Agamben é *A filosofia na alcova* ou os *preceptores imorais*. Nesta obra, uma jovem é educada, por libertinos, para a prática da libertinagem. Assim como em *Os 120 dias de Sodoma*, o sexo associa-se à violência.

Um capítulo desta obra aparece como o panfleto, intitulado *Franceses*, mais um esforço se quereis ser republicanos. O panfleto clama por uma radicalização da revolução. A relação de Sade com a biopolítica é destacada relevantemente por Agamben neste panfleto: “[...], é o primeiro, e talvez o mais radical, manifesto político da modernidade. [...], todo cidadão pode convocar publicamente qualquer outro para obrigá-lo a satisfazer os próprios desejos” (AGAMBEN, 2007, p. 141). Nos termos da sexualidade e da vida fisiológica, conforme Agamben (2007), Sade expõe a troca da existência política pela vida nua.

Para Agamben (2007), a vida nua, com base em Aristóteles, diferencia-se de uma vida qualificada, que somente pode ser pensada pela existência de uma vida constituída na política. A vida nua fica sujeitada ao regime de exceção, presente nos estados modernos, no nível do mero animal vivente. Para Agamben (2007, p. 9)

Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra vida. Serviam-se de dois termos, semântica e morfologicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum: zoé, que exprimia o simples fato de viver, comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e bíos, que indicava a forma ou maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo [...].

Nas duas obras de Sade, aludidas no presente texto, tanto o espaço onde tudo acontece quanto o tempo são muito importantes. Na educação da jovem em *A filosofia na alcova* e em *Os 120 dias de Sodoma*, pode-se observar que há uma organização de tempos e espaços. Na biopolítica, certa liberdade do homem moderno entrelaça-se com a disciplina. Assim, junto de Foucault, se pode compreender como os mecanismos do poder estão associados a diferentes espaços na produção do indivíduo moderno: hospital, prisão, escola etc.

Agamben (2007), tendo em vista que o resíduo do sangue nobre desconsiderado nas declarações dos direitos dos cidadãos, revigora-se como o racismo e eugenia nos regimes fascistas e nazistas do século XX. Neste sentido ele recorre às reflexões de Hannah Arendt (1906-1975) para complementar a noção de biopolítica em Foucault. A filósofa alemã, por sua vez, debruçando-se sobre uma realidade comum a regimes



totalitários, aplica-se, na compreensão de outro tipo de espaço, que se presta não à produção dos indivíduos, mas a sua destruição: os campos de concentração. Agamben (2007, p. 142) afirma que

Como os campos de concentração do nosso século XX, o caráter totalitário da organização da vida no castelo de Silling, com seus minuciosos regulamentos que não deixam de fora nenhum aspecto da vida fisiológica, nem ao menos a função digestiva, obsessivamente codificada exposta em público, tem a sua raiz no fato de que aqui, pela primeira vez, se pensou numa organização normal e coletiva (e, portanto política) da vida humana baseada unicamente sobre a vida nua.

Retrospectivamente, percebe-se uma relação entre o que aconteceu nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial com o que Sade descreve sobre os acontecimentos no castelo de Silling. No século XX, tornou-se objetivamente verdade a realidade imaginada pelo escritor francês em fins do século XVIII. Sade ajuda a compreender como a melhoria da espécie, forjada nos espaços da biopolítica, em quaisquer regimes, democráticos inclusive, passa facilmente para a destruição da humanidade em regimes autoritários.

Mesmo quando a vida parece valer muito, a morte acaba por não valer nada. Para Agamben (2007), a razão desta facilidade é a presença da vida nua em todos os regimes, democráticos ou autoritários. “Se, em todo o estado moderno, existe uma linha que assinala o ponto em que a decisão sobre a vida se torna a decisão sobre a morte, e a biopolítica pode, deste modo, converter-se em tanatopolítica, [...]”. (Agamben, 2007, p.128). Tal linha não encontra fixidez na atualidade, como não encontrou na obra do Marquês de Sade, pois trata-se de oscilações e modulações possíveis no permanente estado de exceção que sustenta a noção de soberania do Estado moderno.

## 5 SADE ENTRE FOUCAULT E AGAMBEN

A questão levantada por Sade (2008, p. 30) sobre “Quantos perigos, aliás, a mulher não evita deste modo! Menos riscos para a saúde e nenhum para a gravidez” bem poderia fazer parte de um programa de saúde pública em nossa atualidade. Mas não é o caso, no escrito de Sade. Não se trata da prescrição de um médico, ou de um professor, mas de um libertino que educa acerca da sodomia. Foucault (2009a, p. 22) identifica o escritor francês como integrante de discursos sobre o sexo que “[...] não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII.”. Deste modo, Sade, pela biopolítica, faz parte da estratégia de controle das populações centrada no sexo.

Assim como Agamben, Foucault refere-se explicitamente ao discurso presente na obra de Sade para pensar a Biopolítica. “Dizer tudo, repetem os diretores espirituais: [...] Sade relança a injunção em termos que parecem transcritos dos tratados de direção espiritual” (FOUCAULT, 2009a, p. 24). O discurso do sexo, no seu nível fisiológico, corrobora para o enaltecimento da vida biológica.

Ao encontro da vida nua de Agamben (2007), Foucault (2009a), pensa a incidência do poder diretamente sobre os corpos e sobre a população. Desta forma, o estado governa a população enquanto espécie. A objetivação do corpo pelo poder, sobretudo pela disciplina, tão evidente no castelo de Silling, imprime o processo da passagem de uma simbólica do sangue para uma analítica do sexo. “Sade e os primeiros eugenistas são contemporâneos desta passagem da sanguinidade para a sexualidade” (FOUCAULT, 2009a, p. 138). Na literatura de Sade, seja pelo discurso do sexo, seja pela sacralidade da vida nua, a biopolítica é anunciada. Para Foucault (2009a, p. 138)

O sexo em Sade é sem norma, sem regra intrínseca que possa ser formulada a partir de sua própria natureza; mas é submetido à lei ilimitada de um poder que, quanto a ele, só conhece sua própria lei; se lhe acontece de impor-se, por puro jogo, a ordem das progressões cuidadosamente disciplinadas em jornadas sucessivas, tal exercício o conduz a ser somente uma pura questão

de soberania única e nua: direito ilimitado da monstruosidade onipotente. O sangue absorveu o sexo.

O tempo de Sade é marcado pelo contrato que dá direitos ao cidadão, conforme Agamben (2007): direitos estes inscritos diretamente em seu corpo. O estado passa a abarcar os corpos sem considerar o sangue. Não se considera mais nada. A estatização da vida biológica instaura-se para impedir a existência política.

Disciplina e biopolítica, conforme Foucault (2009a e 2009b), produzem o corpo dos indivíduos através de discursos e práticas. Assim, o dispositivo da sexualidade se destaca para que os indivíduos se diferenciem uns dos outros. O sangue é cada vez menos importante para definir quem é nobre ou não. O sexo torna-se cada vez mais importante para um refinamento pela descendência enquanto espécie biológica. De acordo com Foucault (2009a, p. 138),

enquanto os primeiros sonhos de aperfeiçoamento da espécie deslocam todo o problema do sangue para uma gestão bastante coercitiva do sexo (arte de determinar os bons casamentos, de provocar as fecundidades desejadas, de garantir a saúde e a longevidade das crianças), enquanto a nova ideia de raça tende a esmaecer as particularidades aristocráticas do sangue para voltar-se apenas para os efeitos controláveis do sexo, Sade vincula a análise exaustiva do sexo aos mecanismos exasperados do antigo poder de soberania e aos velhos prestígios inteiramente mantidos do sangue; este corre ao longo de todo o prazer — sangue do suplício e do poder absoluto, sangue da casta que se respeita em si mesmo e se derrama, contudo, nos rituais maiores do parricídio e do incesto, sangue do povo que se verte à vontade, porque o que corre em suas veias não é digno nem de ser mencionado.

Na literatura de Sade, o sangue aparece muito vivo, como era no antigo regime de soberania, mas está instaurado o processo biopolítico, apontado por Foucault, em curso até os dias de hoje. O corpo do libertino está livre de seu passado, de seu mundo, de sua sociedade, de Deus. Em nome do bem ou do mal, o dispositivo da sexualidade encarna-se sem limites nos corpos do indivíduo moderno. Na literatura de Sade a maldade está sempre relacionada ao sexo. No castelo de Silling, o sexo encontra-se com a vida nua, como no hospital, como na escola.

Pode-se afirmar que Agamben e Foucault, enquanto se aproximam, também se afastam. A vida sacra do homo sacer de Agamben dá ao conceito de biopolítica

contornos diferentes daqueles desenhados pelo dispositivo da sexualidade de Foucault. Mas em ambos os autores, a biopolítica desagua no sangue que corre nas veias e nas vítimas dos racistas e dos eugenistas ou no dinheiro do liberalismo econômico do século XX. Pouco importa se o regime é autoritário ou não: a relação entre vício e virtude passa a ser relativizado segundo aquilo que convém para as forças econômicas da sociedade. Para Sade (2008, p. 46)

O que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas além. E as virtudes de um outro hemisfério poderiam muito bem, ao contrário, ser crimes para nós. Não há horror que não tenha sido divinizado ou virtude que não tenha sido execrada.

Assim como nos campos de concentração, em Sade, a vida das vítimas não é digna de ser vivida. A valorização da vida de uns implica na possibilidade da morte de outros. Sade ajuda na compreensão de uma alteridade a partir da biopolítica. A valorização do outro, em termos de sua utilidade, implica na destruição daquele que não é útil, evidenciando não somente a sacralidade da vida nua, mas, também, um ímpeto destruidor que se encontra presente na natureza que nem sempre deve prestar contas ao estado. Sade (2008, p. 44) também afirma que

um dos primeiros vícios desse governo consiste numa população numerosa demais, e está muito longe de tais supérfluos serem riquezas para o Estado. Esses seres supranumerários são como ramos parasitas que, só vivendo à custa do tronco, terminam sempre por extenuá-lo.

Assim, a estatização da vida nua, seja pelo regime político que se anuncia, seja pelos dispositivos do biopoder, insere os corpos e as populações nos cálculos do poder, na medida em que a criação e a destruição encontram certa interdependência. Como as vítimas do castelo de Silling, o cidadão moderno está à deriva das desiguais relações de poder que se estabelecem no interior da sociedade. Conforme Foucault (2008), o estado moderno afrouxa seu regime jurídico para que as forças produtivas possam atuar com liberdade. “O mercado surgiu, em meados do século XVIII, como já não sendo, ou antes, como não devendo mais ser um lugar de jurisdição” (FOUCAULT, 2008, p.43). As condições para o capitalismo estão postas de maneira totalitária em

Sade. No século XX elas chegam a seu ápice, seja pelos regimes totalitários, seja pelos regimes democráticos. Em ambos, a produtividade necessita de uma constante reinvenção, e, por conseguinte, de uma constante destruição.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A subjetividade moderna conforme, Foucault (1999a), forja-se em deslocamento das possibilidades discursivas em diferentes processos históricos. Num período denominado pelo filósofo francês de clássico (anterior a Sade), existe o predomínio epistemológico da representação, ou seja, uma equivalência entre o que o pensamento estabelece para a coisa e a própria coisa. Como não se pode ter a coisa mesma, procede-se pela sua representação. Desta forma, as palavras representam um objeto concreto. Depois disto (posteriormente a Sade), adentra-se noutra epistemologia. A representação entra em crise e se passa a duvidar desta equivalência entre coisa e objeto. O critério de verdade é colocado definitivamente em xeque.

Sade, para Foucault, é aquela figura que está no fim da era da representação, mas, ao mesmo tempo, no início da nova ordem do discurso: no momento posterior ao da representação, em que a linguagem não mais representa diretamente as coisas (LECOURT, 2017). A linguagem não é mais um signo confiável ou literal das coisas. Na modernidade, depois de Sade, a linguagem tem seu estatuto próprio. Ela constrói sobre a coisa uma espécie de jogo com a própria coisa, que culmina no que Foucault (2008) chama de era da história.

A passagem da representação para uma linguagem não mais fundada (FOUCAULT, 2008), parece ser central para relacionar os três autores com o tema da biopolítica. Neste texto, evidenciou-se que Sade está relacionado com o conceito de biopolítica de Foucault e de Agamben pelo viés não mais de uma linguagem que diz a verdade, mas em que a verdade entra no jogo biopolítico de controle da vida em vista de sua utilidade econômica.

Ambos os autores escavam o passado para encontrar aquilo que cintila no presente. O desafio parece ser não perder o movimento que existe na realidade que nos constitui e empurra a um futuro incerto (BERGSON, 1990). Por esta lente, pode-se ver em Sade uma zona comum entre passado e presente, onde ambos formam um misto entre representação e processo de constituição histórica dos saberes modernos que se consolida nos séculos XIX e XX.

Enquanto literatura, em Sade se pode ler a nova forma que ela assume. Isto se expressa em Foucault e Agamben que, frequentemente, recorrem à literatura para a compreensão da realidade. Talvez não seja coincidência que aludem a Sade para tentar compreender uma realidade tão próxima e tão inacreditável como os campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial. Eles precisavam, quem sabe, sentir o fluxo das coisas nas palavras de Sade. O Marquês não tinha limites para dizer o que pode ser realidade: o que é legítimo e o que não é, abrindo caminho para pensar o estado de exceção em que se vive. Ao mesmo tempo, podia sentir o mundo, para dizer até onde a exceção pode ir.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção. I.** Poleti (Trad.). São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua.** 2.ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BERGSON, Henry. **Matéria e Memória:** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CASTRO, Clara Carnicero. **O sistema filosófico do Marquês de Sade:** estudo da elaboração do sistema filosófico do Marquês de Sade a partir das filosofias iluminista e libertina do século XVIII na França. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Campinas, 2006.

CHARLES, Sebastián. Foucault leitor de Sade: da infinidade do discurso à finitude do prazer. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 19, n. 25, p. 333-344, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1192/0>. Acesso em: 06 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits I**. Paris: Gallimard, 2001a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001c.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 19.ed. São Paulo: Editora Graal, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b.

LEMKE, Thomas. **Biopolitics**: an advanced introduction: biopolitics: medicine, technoscience, and health in the twenty-first century, New York: New York University Press, 2010.

LECOURT, Dominique. Le Sadisme de Michel Foucault. In: BRAUNSTEIN, J. F. **Foucault(s)**. Paris: Panthéon Sorbonne, 2017.

PEIXOTO, Fernando de. **Sade**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 1, n. 63, p. 180-201, Jan. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262483516\\_Foucault\\_para\\_alem\\_do\\_poder\\_disciplinar\\_e\\_do\\_biopoder](https://www.researchgate.net/publication/262483516_Foucault_para_alem_do_poder_disciplinar_e_do_biopoder). Acesso em: 06 dez. 2021.

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da libertinagem**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.